



GRUPO DE MULHERES RURAIS “RECICLARTE”: a fuga do cotidiano

Anastácia Brandão de Mélo*
Lorena Lima de Moraes**
Michelly Aragão Guimarães Costa***

RESUMO

O presente artigo apresenta as motivações e a importância da participação das mulheres rurais no grupo produtivo “Reciclarte” do Assentamento Carnaúba do Ajudante, em Serra Talhada – PE. O grupo é formado por onze mulheres rurais no qual se dedicam uma vez por semana a se encontrarem, na perspectiva da solidariedade, do fortalecimento político, para a produção e criação de artesanatos de materiais recicláveis e de fuxico. O objetivo do artigo é apresentar as motivações de se reunirem e da escolha de uma atividade não agrícola como a principal atividade do grupo estudado. Para tanto, realizamos uma análise temática a partir de entrevista coletiva. Destacamos a importância da formação do grupo de mulheres como espaço de participação, troca de conhecimentos, informações, aprendizados e lazer. Identificamos o artesanato como uma forma de diferenciar as atividades cotidianas das mulheres agricultoras. Assim como, a experiência do grupo “Reciclarte” desponta como uma possibilidade de repensar a vida cotidiana das mulheres e suas relações de gênero no espaço rural.

Palavras-Chave: Mulheres rurais. Artesanato. Cotidiano.

*Mestra em Administração Rural e Comunicação Rural

** Mestra em Ciências Sociais

***Mestra em Administração e Desenvolvimento Rural

Universidade Federal Rural de Pernambuco- UFRPE, Unidade Acadêmica de Serra Talhada-UAST. Projeto NEPPAS – Núcleo de Estudos, Pesquisas e Práticas Agroecológicas do Semiárido, financiado em edital 81/2013 CNPq/MDA. brandaoanastacia@gmail.com



1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta as motivações e a importância da participação das mulheres rurais do grupo produtivo “Reciclarte” do Assentamento Carnaúba do Ajudante, localizado no município de Serra Talhada, sertão do Pajeú no estado de Pernambuco. Este estudo faz parte das iniciativas relacionadas à economia solidária, agroecologia e gênero promovidas pelo Núcleo de Estudos, Pesquisas e Práticas Agroecológicas do Semiárido (NEPPAS) da Universidade Federal de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UFRPE/UAST).

O processo investigativo foi realizado com as 11 (onze) mulheres que participam do grupo “Reciclarte” e a entrevista coletiva ocorreu no dia 22 de julho de 2014, na casa sede do próprio assentamento, local onde se encontram todas as terças-feiras à tarde.

Em nossa percepção, o trabalho de campo permite a aproximação com a realidade existente.

[...] o trabalho de campo se apresenta como uma possibilidade de conseguirmos não só uma aproximação com aquilo que desejamos conhecer e estudar, mas também de criar um conhecimento, partindo da realidade presente no campo. (CRUZ NETO, 2001, p.51).

A coleta das informações ocorreu por meio de entrevista tipo painel. “Esse tipo de entrevista é realizado com várias pessoas, que são levadas a opinar sobre determinado assunto” (MARCONI, 1990 apud ANDRADE, 2005, p. 147). No caso, buscamos conhecer como é o dia a dia, como o grupo foi formado, os motivos e a importância do grupo para as mulheres.

2 A VIDA COTIDIANA DO GRUPO DE MULHERES “RECICLARTE”

Historicamente, as mulheres rurais são marcadas pela desigual estrutura das relações sociais de gênero. Assim, o sistema patriarcal e a divisão sexual do trabalho, sobrepõe às mulheres a responsabilidade da esfera privada, da produção doméstica e do cuidado.



Segundo Weitzman (2011, p.89), tanto o modelo patriarcal em nossa sociedade, quanto as políticas agrícolas direcionadas às mulheres, reproduziram a divisão sexual do trabalho na agricultura familiar, “há uma dificuldade histórica para considerar o papel da mulher enquanto produtora de alimentos, bens e serviços, o que fica evidente pela tendência em concentrar o apoio às iniciativas das mulheres naquelas atividades que reforçam seu papel na unidade doméstica”. Assim, consolidando uma vida cotidiana de desigualdades.

A vida cotidiana é antes de tudo organização, dia a dia, da vida individual dos homens; a repetição de suas ações vitais é fixada na repetição de cada dia, na distribuição do tempo em cada dia. A vida de cada dia é divisão do tempo e é ritmo em que se escoa a história individual de cada um (KOSIK, 1976, p.80).

A história das mulheres é estabelecida por luta. “Essa luta, que tem como objetivo o fim das desigualdades entre mulheres e homens, foi se construindo em um processo de tomada de consciência da mulher sobre a sua opressão e exploração” (CASA DA MULHER DO NORDESTE, 2007, p.11).

As questões de gênero vêm sendo edificadas pela organização social por meio da cultura e da educação. A desigualdade nas relações de poder torna-se histórica, reproduzindo a separação entre os espaços público e privado. “Nessa separação, excluíam todas as mulheres da política, lugar de poder, onde se define quem poderá dizer o que pode ser dito sobre os problemas comuns e como serão tratados [...]” (SOUZA, 2001, p. 195). Restando às mulheres o espaço privado da vida doméstica.

Apesar dos avanços obtidos pelas mulheres nas últimas décadas, ainda estamos em situação de desigualdade social, política e econômica. A sociedade machista define o papel social da mulher reduzindo as atividades reprodutivas e domésticas, e, conseqüentemente, reproduz uma realidade que afeta a vida cotidiana das mulheres.

A vida cotidiana é aquela vida dos mesmos gestos, ritos e ritmos de todos os dias: é levantar nas horas certas, dar conta das atividades caseiras, ir para o trabalho, para a escola, para a igreja, cuidar das crianças, fazer o café da manhã, fumar o cigarro, almoçar, jantar, tomar a cerveja, a pinga ou o vinho, ver televisão, praticar um esporte de sempre, ler o jornal, sair para um ‘papo’ de sempre, etc. Nessas atividades, é mais o gesto mecânico e



automatizado que dirige que a consciência (NETTO; CARVALHO, 1996, p.23).

Essa cotidianidade é retratada pelas mulheres do grupo “Reciclarte”, quando narram o que fazem no seu dia a dia: “preparam o café, cuidam dos animais, das crianças e do marido, ajudam na roça, lavam a roupa, fazem o almoço, pegam água e lenha, arruma a casa, assistem televisão, preparam a jantar, leva os filhos no posto de saúde” (trecho da entrevista painel, grifo nosso).

Atividades que se repetem todos os dias, configura a vida cotidiana das mulheres. As atividades cotidianas realizadas pelas mulheres no âmbito doméstico se misturam com as atividades agropecuárias, o que muitas vezes são consideradas extensão do trabalho doméstico, desvalorizadas e não remuneradas, a exemplo do seu trabalho produtivo na unidade familiar e que ainda são reconhecidas como “ajuda”.

Essa mistura de atividade doméstica e agropecuária provoca a invisibilidade e o não reconhecimento do trabalho das mulheres, “pois a ideia que existe é a de que o trabalho das mulheres é um complemento do trabalho dos homens” (CASA DA MULHER DO NORDESTE, 2007, p.23). Silva (2013) afirma que as diferenças entre homens e mulheres no trabalho refletem as distinções preexistentes na sociedade. Caracterizando a presença da subordinação patriarcal na sociedade.

Sales (2014, p.4), salienta “que as transformações ocorridas no campo, não modificaram a educação das mulheres que ainda permanece voltada para o lar, para o cuidado da casa e dos filhos [...]”.

Geralmente, a história retrata as mulheres como o sexo frágil, além de considerar os trabalhos domésticos e a educação dos filhos como sendo das mulheres, estabelecem que são coisas de mulher. Esse preconceito reflete na vida cotidiana das mulheres.

Segundo Heller, a vida cotidiana se refere às atividades, a organização do trabalho e da vida privada. É heterogênea e hierárquica, ou seja, modifica em função das diferentes estruturas econômico-sociais. A autora ainda afirma, que “a vida cotidiana é a vida do indivíduo. O indivíduo é sempre, *simultaneamente, ser particular e ser genérico*” (1992, p.20, grifo da autora).



A dinâmica do cotidiano encontra-se no indivíduo com suas particularidades e nas relações sociais. A individualidade do “eu” e o ser genérico representando a comunidade. “Na vida cotidiana, a esmagadora maioria da humanidade jamais deixa de ser, ainda que nem sempre na mesma proporção, nem tampouco com a mesma extensão, *muda unidade vital de particularidade e genericidade*” (HELLER, 1992, p.23).

O ser genérico expressa as relações sociais existentes na comunidade, assim a cotidianidade preestabelecida é reproduzida. Essas relações sociais, produzidas no grupo de mulheres “Reciclarte”, se confirmam quando elas relatam o dia a dia dos homens no assentamento: “bebem, vão para o roçado, cuidam do gado, vão pra rua trabalhar e alguns buscam a lenha e a água” (trecho da entrevista painel).

No caso das mulheres do grupo “Reciclarte” a função central, ainda é o espaço privado como o principal local de trabalho. O que torna a vida cotidiana em torno da família e do trabalho doméstico.

Ao contrário dos homens, as mulheres foram ensinadas a “cuidar” de todos os familiares, menos delas, a serem guardiãs dos laços e da tradição. [...] Essas práticas culturais trazem consigo pressupostos éticos e histórico-filosóficos, dentre os quais uma imagem de relações hierarquizadas entre o mundo doméstico e o mundo público, uma ideia de que as tarefas de produção, feitas na intimidade do lar e carregadas de afetividade, constituem repetições não criativas do cotidiano reduzidas a obrigações culturais costumeiras da mulher no campo [...]. (TEDESCHI, 2004, p.49).

A cotidianidade revela a realidade da vida de cada dia, ou melhor, “não é possível entender a realidade da cotidianidade, mas a cotidianidade é entendida com base na realidade (LEHMANN, 1932-33 apud KOSIK, 1976, p.83).

Nesse sentido, a realidade contextualizada na vida cotidiana do grupo de mulheres “Reciclarte” pode ser considerada através da reprodução das relações sociais do ser genérico, hierarquizada pelo trabalho doméstico e pelo papel social estereotipado da mulher rural.

Assim, o processo histórico de dominação e exploração das mulheres é automatizado nas ações cotidianas.



3 A FUGA DO COTIDIANO DO GRUPO DE MULHERES “RECICLARTE”

A realidade dessas mulheres fez com que constituíssem uma organização/grupo ampliando a participação política, a troca de conhecimentos, aprendizados, proporcionando lazer, trabalho e renda a partir de uma atividade não agrícola - o artesanato em materiais recicláveis, retalhos e fuxico.

Para Sales (2014) as transformações das mulheres camponesas ocorreram a partir dos anos 80, devido às organizações/grupos criadas por elas direcionadas para a luta de direitos sociais e políticos.

Um dos objetivos desse artigo é conhecer as motivações que levaram as mulheres do Assentamento Carnaúba do Ajudante a criar um grupo produtivo de atividade não agrícola, para isso perguntamos como o grupo foi criado.

O grupo começou com 10 (dez) mulheres, que se reuniram em 08 de março de 2013 e criou o grupo “Reciclarte”, que significa: reciclando com arte. Atualmente, são 11 (onze) mulheres participantes do grupo. O grupo não é formalizado. “A maioria dos grupos produtivos é informal” (BRUNO et al, 2013, p.220).

A criação do grupo foi motivada após uma oficina de aproveitamento de materiais recicláveis para confecção de puffs oferecida pela UFRPE/UAST em novembro de 2012. O objetivo principal do grupo era fazer puffs para a feira do NEPPAS que iria acontecer no final de abril. Mas, depois da feira as mulheres continuaram a se reunir todas as terças-feiras à tarde, das 13h às 16h, que por iniciativa própria se uniram e começaram a produzir de forma solidária. E neste sentido, permeadas para além da produção artesanal, mas na construção de outras relações sociais. Para Bruno et al. (2013) a participação nos grupos produtivos de mulheres rurais ocorre tanto do ponto de vista econômico quanto político e social.

O desenvolvimento de grupos de mulheres tem um papel importante para o movimento feminista. De acordo com Souza (2001, p.200), a formação de grupos feministas permitiu “maior visibilidade aos temas do movimento de mulheres.” Os grupos proporcionam a reflexão dos problemas que abrangem as mulheres, é um espaço onde se reúnem e tem a possibilidade de romper “com o silêncio no qual foram confinadas.”

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Outro aspecto organizativo e político desses grupos era a possibilidade de as mulheres socializarem experiências, descobrirem que **seus cotidianos eram parecidos, regidos por normas e valores que as colocavam num lugar de desigualdade subordinada** (SOUZA, 2001, p.200, grifo nosso).

As mulheres narram que as motivações em participar do grupo ocorrem, pois consideram um espaço de: “diversão e aprendizado, onde compartilham as novidades”. Afirmam que é “uma terapia para a mente, é um trabalho diferente do nosso dia a dia, de fazer almoço, arrumar casa e fazer janta. Aqui temos prazer de se reunir para conversar” (trecho da entrevista painel).

Estes depoimentos consolidam a fuga do cotidiano. Segundo Heller (1992, p.26, grifo da autora), “as formas de elevação acima da vida cotidiana que produzem objetivações duradouras são a *arte* e a *ciência*”. A arte rompe com a tendência instintiva da vida cotidiana. “Artistas e cientistas têm sua particularidade individual enquanto homem da cotidianidade; essa particularidade pode se manter em suspenso durante a produção artística ou científica, [...]” (HELLER, 1992, p. 27).

Assim, durante a etapa de produção dos artesanatos a vida cotidiana dessas mulheres fica suspensa, pois é o tempo de criação e inovação, atividades que fogem do seu cotidiano, ou seja, a fuga das atividades repetitivas, mecanizadas e automatizadas.

Além disso, percebe-se que o grupo proporciona relações sociais quando compartilham experiências e informações. Tendo a liberdade de conversar, de falar livremente. De acordo com Bruno et al (2013, p. 227), “a maioria das mulheres vê o grupo como lugar de maior autonomia e espaço de liberdade para se ‘reunir’, ‘aprender a falar’, ‘saber como lidar com o dinheiro’ etc”.

Quando perguntamos o motivo de escolher o artesanato como atividade produtiva, as mulheres alegaram ser “mais divertido, descansa o serviço de casa, sai da rotina da agricultura. Também escolhemos fazer artesanato, pois algumas já faziam e outras aprenderam na oficina” (trecho da entrevista painel).

Reforça-se a fuga temporária do cotidiano a partir de uma atividade prazerosa, criadora e integradora. Atividade escolhida por vontade própria como forma de distração, diversão e descanso.



Quando Silva (2013, p.172, grifo nosso) se refere ao trabalho artesanal de fiação, tecelagem e barro que as mulheres fazem, comenta que

pode-se notar que é um **trabalho que lhes traz satisfação, prazer, realização**. Não é fardo, não é um trabalho definido pela alienação. Ao contrário, há uma relação muito estreita entre sujeito e objeto, em que o produto recebe a marca da subjetividade destas mulheres. Prevalece, aí, o sentido do ser, e não do ter. Esta marca é fruto das condições materiais existentes e do desejo, da vontade, da criação de cada uma dessas mulheres. É este **trabalho que lhes permite criar**, que lhes possibilita serem elas mesmas e não o outro.

Outra questão abordada na entrevista tipo painel foi sobre a importância do grupo para a vida delas. As mulheres responderam que o grupo oportuniza: “troca de conhecimentos, participação em oficinas, seminários, cursos, atividades fora e dentro da comunidade”. Ressaltaram que as mulheres ficaram “mais solta, expansiva, com menos vergonha e mais unidas”. Adquirindo desenvoltura, solidariedade e conhecimentos.

Podemos observar nesses relatos que o fato de as mulheres se organizarem, ocuparem os espaços políticos-públicos, exporem suas ideias e exercerem a fala pública são fundamentais para a sua autonomia e seu processo de empoderamento. Para Batliwala (apud SEN, 1997), quando pensamos no processo de empoderamento das mulheres, deve ser levado em consideração três aspectos centrais: o controle sobre os recursos (físicos, econômicos, financeiros, intelectuais), o controle sobre os aspectos ideológicos de uma sociedade (valores, crenças e atitudes), assim como, o controle sobre si mesmo/a, de poder ser agente e sujeito de sua vida.

De certo, a realidade de opressão e negação de direitos ainda é o cotidiano de muitas mulheres. Entretanto, dentre as inúmeras adversidades, o itinerário percorrido até o momento, foi marcado por grandes lutas, conflitos e resistência às estruturas de dominação/exploração impostas. O reposicionamento e as estratégias de auto-organização das mulheres rurais, a exemplo dos grupos produtivos em suas comunidades têm favorecido a troca de saberes e conhecimentos entre elas, demonstrando que o direito a ter sonhos e aspirações são fundamentais para visibilizar o seu trabalho enquanto sujeito político e social.

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



4 CONCLUSÃO

A necessidade de conhecer as motivações do grupo “RECICLARTE” ofereceu elementos para reflexão da realidade das mulheres na vida cotidiana e suas relações de gênero no espaço rural, ao mesmo tempo da importância do grupo como agente político de transformação.

Identificamos que o artesanato é uma forma de diferenciar as atividades cotidianas das mulheres agricultoras, uma fuga temporária da vida cotidiana. E o engajamento das mulheres no grupo proporcionou a sua formação política e a superação na participação individual e coletiva, desenvolvendo conhecimentos, habilidades, atitudes e proposições ativa na comunidade. Identifica-se a liberdade de expressão quando estão fora de casa e em grupo, o que demonstra aumento da auto estima por essas mulheres.

No processo de formação do grupo demonstra a importância da interferência externa como agente sensibilizador/motivador. Destaca-se, também, a transformação nas relações sociais, na busca da autonomia, na liberdade de expressão e na participação social. Configurando uma nova prática que proporciona reflexões, que estimulam a mudança, rearranjos e novos acordos com sua família no âmbito doméstico.

Foi possível perceber as relações sociais de gênero nas atividades domésticas e nas atividades de grupo como possibilidade de abstração da realidade.

Assim, realidade vivenciada pelo grupo “Reciclarte” pode possibilitar caminhos de atuação para a mudança social para elas e outras mulheres rurais, ou seja, a organização das mulheres em grupos demonstra ser uma estratégia importante, um instrumento aglutinador e facilitador na promoção da auto-organização e no processo de empoderamento das mulheres.

5 REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 2005.

